

## Reflexões contemporâneas sobre o Celtic Revival irlandês do século XIX

Elisa Lima Abrantes  
Professora Adjunta de Literaturas de Língua Inglesa, UFRRJ  
[elisa.abrantes2012@gmail.com](mailto:elisa.abrantes2012@gmail.com)

Recebido em: 02/04/2018  
Aprovado em: 19/05/2018

### Resumo :

Muito se questiona na contemporaneidade a suposta identidade celta da Irlanda, especialmente com o grande número de imigrantes chegados ao país. Enquanto geneticistas e arqueólogos desmentem os mitos de uma origem celta propriamente, a ideia de identidade como construção social sai fortalecida da discussão. Nesse artigo trataremos do movimento nacionalista do final do século XIX e início do século XX e sua influência para o estabelecimento do *Free State* (Estado-livre) em 1921 e o estabelecimento da República da Irlanda em 1922. Para ilustrar a construção do discurso celta na invenção da nação irlandesa traremos como exemplo breves passagens do livro *Mother Ireland* (1976) da escritora irlandesa contemporânea, Edna O'Brien, em que a autora faz uso da paródia para evidenciar o caráter de construído dos discursos nacionalistas que fundaram uma identidade celta para a Irlanda.

**Palavras-chave:** Renascimento Celta, nacionalismo, identidade nacional

### Abstract :

Currently there is a great deal of questioning of Ireland's alleged Celtic identity, especially with the great numbers of immigrants arriving in the country. As geneticists and archaeologists deny the myths of a true Celtic origin, the idea of identity as social construction comes out strengthened from this discussion. This article aims to deal with the nationalist movement of the late nineteenth and early twentieth century in Ireland and its influence on the establishment of the Free State in 1921 and subsequently of the Republic of Ireland in 1922. In order to illustrate the construction of the Celtic narrative in the invention of the Irish nation, some brief passages are presented from the book *Mother Ireland* (1976), written by the contemporary Irish writer Edna O'Brien. In it, the author makes use of parody to highlight the construct character of the nationalist discourses that created a Celtic identity for Ireland.

**Keywords :** Celtic Revival, nationalism, national identity

A suposta identidade celta dos irlandeses vem sendo posta em questão por pesquisas genéticas e arqueológicas nos últimos vinte anos. Tal preocupação em definir e redefinir identidades se apresenta em um momento em que a Irlanda recebe grande número de imigrantes de várias partes do mundo. Tradicionalmente um país de emigração, a Irlanda experimentou grande crescimento econômico e avanços tecnológicos no período conhecido como o *Celtic Tiger* (1995-2008). Desde então, e mesmo após a crise de 2008 na Europa, o país mantém grande fluxo imigratório, o que influenciou na secularização do país e integração em uma cultura cada vez mais globalizada. A mudança traz consigo o desejo de se buscar entender melhor o sentimento de pertencimento dos irlandeses, e demonstraremos neste artigo como esse sentimento é uma construção social. Para isso voltaremos ao final do século XIX e início do século XX, momento em que se definiu o que era ser irlandês e a escolha de uma origem, no caso a celta, que justificasse sua diferenças em relação ao povo inglês, de quem lutavam para se separar.

Enquanto hoje em dia geneticistas defendem que a origem da civilização irlandesa não está associada à chegada naquela região dos celtas da Europa central, a civilização *Hallstatt*, mas sim aos ancestrais que habitaram a periferia do Atlântico na Europa no final da última Idade do Gelo (Oppenheimer, 2006), arqueólogos como Simon James (1999) e Collins (2003) sustentam que os celtas pré-históricos não existiram na Irlanda, pois não há continuidade nas evidências arqueológicas encontradas no país que permitam dizer que os que lá viveram foram celtas, uma vez que não há traços comuns suficientes com aqueles que imigraram para a Irlanda séculos depois vindos da Europa central, já que quando estes chegaram ao país, haviam perdido quaisquer aspectos históricos que lhes definissem como celtas. James afirma ainda que os irlandeses nunca reivindicaram uma identidade celta até as últimas décadas do século XIX, e o fizeram apenas quando o desejo de se libertarem do colonialismo britânico criou uma necessidade política para essa invenção. Naquele momento histórico, o movimento nacionalista irlandês buscou encontrar para além da literatura e das artes, uma 'base científica' na arqueologia para comprovar o passado gaélico ou celta, e o governo desde então investe recursos em projetos que preservem, e mesmo reinventem a herança e identidade irlandesas. Esses projetos fazem parte do processo pelo qual o passado de uma nação é criado, lembrado e reverenciado.

Segundo Nicholas Healey (2016), a arqueologia popularizada nos livros escolares, documentários, museus e pela mídia possui implicações políticas no entendimento do projeto nacionalista celta irlandês do final do século XIX e início do século XX. Por meio de análises textuais de livros muito estudados na contemporaneidade, o autor conclui que os arqueólogos sustentam ou inibem a justificativa de um passado celta ancestral e distinto da Inglaterra, argumento em que o movimento se baseou.

Dois arqueólogos britânicos analisados por Healey foram Simon James (1999) e Barry Cunliffe (2003). James, especialista em Idade do Ferro na Europa, desconstrói a ideia de uma forte imigração ou invasão da Irlanda na antiguidade, já que não há indícios materiais que sustentem essa hipótese. A presença de peças de arte, por exemplo, seria resultado de intercâmbios comerciais entre as ilhas britânicas e o continente. Para James, a crença em um passado celta para a Irlanda deve-se em grande parte, aos estudos linguísticos desenvolvidos no século XVIII pelo filólogo e antiquário galês Edward Lhuyd (1660-1709) que conectou o irlandês, escocês, galês e bretão a línguas extintas como o gaulês, e os considerou línguas célticas. O arqueólogo defende, portanto, que a noção de celtas insulares e da celticidade irlandesa são mitos e não possuem fundamento histórico, tendo sua gênese no início do século XVIII. Sendo assim, os escritos de James se opõem à justificativa de um passado irlandês ancestral distinto do inglês.

Já Barry Cunliffe, utiliza o termo ‘celta’ como um termo geral para designar tribos do centro e oeste europeu, permitindo assim que da península ibérica à Ásia menor, incluindo Itália, Irlanda, Escócia e Gales, a categoria ‘celta’ pode ser usada. O arqueólogo reforça a ideia de pan-celtismo europeu ao dizer que o alcance dos migrantes celtas foi continental. Essa forma de representação defende a ideia de uma herança cultural comum aos europeus, simbolicamente unidos a uma ‘Europa primitiva’ embora Cunliffe reconheça a heterogeneidade entre os povos classificados como ‘celtas’. Essa herança comum apoia a distinção reivindicada pelos irlandeses em relação ao poderio britânico.

Podemos perceber então que a base para a identidade celta da Irlanda não é fixa, mas sim assunto de debate contínuo e deve-se mais à construção social de identidades do que propriamente a aspectos de sua ancestralidade. Mais importante do que as origens dos irlandeses é o esforço dos que vivem na periferia de um poder central se oporem a ele e lutarem por manter uma identidade única e distinta do opressor. No caso

irlandês, estabeleceu-se uma nação a partir da diferença em relação àqueles que nunca os conquistaram, os romanos, e aqueles que lutaram para subjugar-los, os britânicos. Seguindo essa perspectiva, cabe citar aqui o teórico Benedict Anderson (1991) e seu trabalho seminal para o desenvolvimento de uma abordagem construtivista para o estudo do nacionalismo, *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Sua tese é a de que o sentimento de pertencimento se dá a partir da crença das pessoas de que pertencem a determinado grupo e não a outros, e que a identidade nacional é inventada ou imaginada por aqueles que procuram por uma identidade comum. Sendo assim, pode-se dizer que a identidade inventada para a Irlanda foi a do celta, construída de forma idealizada, com tons de nobreza de uma sociedade guerreira ancestral, admirada e temida por seus contemporâneos. Sonhava-se com uma nação idílica e mítica que precedeu àquela em que os irlandeses viviam como cidadãos de segunda classe dentro do Estado britânico, por não serem ingleses.

Os irlandeses precisavam provar aos ingleses que os governavam, e a eles mesmos, que eram um povo e uma nação distintos em sua história, identidade, aspirações. Os mitos de um passado celta desempenharam um papel muito importante para que o movimento nacionalista fosse bem-sucedido e que o sentido de identidade irlandês incorporasse uma natureza celta. Após a independência, a política irlandesa caracterizou-se por demonstrar as virtudes de um celta idealizado, e desde então essa identidade celta vem sendo redefinida e adaptada às mudanças socioeconômicas da Irlanda.

Aqui examinaremos o *Celtic Revival*, ou renascimento [literário] celta, que deu consistência ao movimento nacionalista do final do século XIX e início do século XX e sua influência para o estabelecimento do *Free State* (estado-livre) em 1921 e o estabelecimento da República da Irlanda em 1922. Para ilustrar a construção do discurso celta na invenção da nação irlandesa traremos como exemplo passagens do livro *Mother Ireland* (1976) da escritora irlandesa contemporânea, Edna O'Brien, em que a autora faz uso da paródia para evidenciar o caráter de construto dos discursos nacionalistas que fundaram uma identidade irlandesa celta. A literatura, a nosso ver, traz importantes contribuições nas reflexões a respeito da construção e legitimação de identidades. E no caso da identidade nacional irlandesa esse processo teve início nas últimas décadas do século XIX, como veremos a seguir.

Em meados dos anos de 1880, o chamado *Celtic Revival*, ou renascimento celta irlandês, surgia como parte de um despertar cultural, artístico e político que contribuiu decisivamente para a criação da nação irlandesa nos idos de 1920. Os escritores centrais desse renascimento literário, como William Butler Yeats (1865-1939), George Russell (1867-1935), Lady Gregory (1852-1932) e John Synge (1871- 1909), entre outros, se engajaram no projeto de resgatar e criar uma literatura nacional para o país. Esse movimento era necessário para se estabelecer diferenças entre a Irlanda e a Inglaterra e justificar a independência daquela em relação a esta, em um momento em que os modos irlandeses estavam esquecidos e o idioma gaélico praticamente extinto.

Na época do episódio que ficou conhecido historicamente como a *Grande Fome* de meados do século XIX, a “Irlanda era uma espécie de lugar algum, à espera de imagens apropriadas e símbolos a serem inscritos” (KIBERD, 1995: 115). O estudioso Declan Kiberd refere-se aqui ao trauma histórico atravessado pela Irlanda durante o período de 1845-1848, em que o país, dependente do cultivo da batata, sofreu com a perda de sucessivas colheitas atacadas por um fungo, e teve sua população dizimada pela fome, misérias e doenças, além da emigração em massa de irlandeses para a Inglaterra, os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália.

Após a catástrofe, o país passou por um forte processo de anglicização. Na verdade, desde a ascensão da aristocracia anglo-irlandesa no início do século XIX, a Inglaterra já havia implantado uma estratégia colonizadora sob a perspectiva cultural: a língua inglesa. Em 1801, com a criação do Ato de União, que estabeleceu o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, a língua oficial dos negócios e do comércio passou a ser o inglês, e os costumes e os modos de vida irlandeses se tornaram pouco a pouco ultrapassados. No entanto, por ser um país agrário e grande parte da população viver no campo, a língua e os costumes gaélicos foram preservados até meados do século XIX. A *Grande Fome* mudou radicalmente esse panorama, pois foi responsável pela devastação da Irlanda gaélica. Estima-se que na ocasião, um milhão e meio de pessoas morreram e outro milhão emigrou, dando início à diáspora irlandesa. Como os anglo-irlandeses possuíam uma melhor situação econômica e não dependiam exclusivamente do cultivo da batata para o seu sustento, grande parte da população dizimada foi de descendência gaélica. Dos seis milhões de habitantes, a perda de dois milhões e meio gerou um déficit na comunidade falante do irlandês.

Essa situação da língua irlandesa após a *Grande Fome* foi uma grande motivação para a luta política. A propaganda pela preservação do que restou da língua irlandesa e a reafirmação da identidade nacional a partir da recuperação de elementos da cultura gaélica-celta para garantir a unidade cultural do país foi levada adiante pelos nacionalistas. O presidente da Irlanda de 1938 a 1945, Douglas Hyde (1860-1949), em sua declaração de 1892 sobre a importância da desanglicização da Irlanda, dizia:

Por que devemos querer fazer a Irlanda mais celta do que ela é? Por que devemos desanglicizá-la por completo? Eu respondo que é porque a raça irlandesa no momento está em uma posição anômala, imitando a Inglaterra, ainda que aparentemente a odeie. Como podemos produzir algo bom na literatura, na arte ou nas instituições motivados por razões tão contraditórias? Além disso, eu acredito que o nosso passado gaélico, embora a 'raça irlandesa' não reconheça isso no momento, está realmente no fundo do coração irlandês e nos previne de nos tornarmos cidadãos do império, como, acho, pode ser facilmente provado. [...] Administradores do império fizeram da Irlanda terra de riqueza e fábricas enquanto exterminavam cada pensamento ou ideia irlandesa, e nos deixaram, depois de cem anos de bom governo, gordos, prósperos, mas sem quaisquer de nossas características; com tudo o que nos diferenciava dos ingleses perdido ou abandonado. Todos os nomes de lugares em irlandês transformados em [nomes] ingleses, a língua irlandesa completamente extinta, os O's e Mac's abandonados, nossa entonação irlandesa modificada, tanto quanto possível, por professores ingleses em algo parecido com o inglês; nossa história não mais lembrada ou ensinada, os nomes de nossos rebeldes e mártires apagados; nossos campos de batalha e tradições esquecidas. Quantos irlandeses comprariam prosperidade material a esse preço? É exatamente uma questão como essa e a resposta a ela que mostra a diferença entre os ingleses e os irlandeses. Nove entre dez ingleses rapidamente fariam a troca, e eu acredito firmemente que nove entre dez irlandeses iriam recusá-la, indignados. (MURPHY & MACKILLOP, 1987: 138)

No texto acima, Hyde reforça a imagem da resistência irlandesa em fazer parte do Estado britânico, e aponta o processo intenso de apagamento dos valores irlandeses desde a união do país com a Inglaterra. Para Hyde, a língua gaélica [celta] poderia restituir aos irlandeses uma identidade perdida no passado. A 'Liga Gaélica', fundada por Hyde em 1893, dedicava-se ao renascimento da língua irlandesa, que acreditava ser a grande força que atingiria o âmbito político. Essa vertente do nacionalismo político sustentava que a autêntica identidade cultural era gaélica e celta. A participação de descendentes de latifundiários anglo-irlandeses no movimento de recuperação da identidade nacional buscava atenuar os rígidos contornos da política por meio do esplendor da cultura.

Os escritores do *Celtic Revival* escreviam sobre uma Irlanda antiga, heroica, idílica, pagã e mística, valorizando a cultura gaélica, ainda que escrevessem em inglês. A esse respeito julgamos apropriado, para melhor discutir aquele momento histórico, lançarmos mão da afirmação de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2003, pp. 50)

A partir dessa afirmação, podemos compreender que o *Celtic Revival* buscou trazer para o povo irlandês uma valorização do seu passado, da literatura antiga em gaélico e dos resquícios de um modo de vida celta como marcas que os distinguiu do império britânico e justificava a luta política de emancipação do país. Esses ideais nacionalistas inspiraram a liderança de nomes como James Connolly, Patrick Pearse e Michael Collins, entre outros, no episódio conhecido como o Levante de Páscoa (*Easter Rising*) de 1916, que embora malsucedido, trouxe, além de novos heróis com a execução de seus líderes, também a força política e o apoio necessário para que a Irlanda se tornasse independente em 1922. Trata-se, como coloca Declan Kiberd em seu livro *Inventing Ireland: the literature of the modern nation* (1995), de uma invenção de nação. O autor diz que

a maioria dos estado-nação existia antes de ser definida e que, portanto, [aqueles] foram definidos a partir de sua existência, mas estados que emergiram de ocupações, expropriações ou processos de negação possuem uma forma diferente de crescimento [...] existiu (e ainda existe) muita tensão servindo a esse processo artificial por meio do qual uma abstração é convertida em realidade. (KIBERD, 1995: 117).

A abstração a que Kiberd se refere foi a procura, por parte dos autores irlandeses, de um estilo nacional, que foi expresso literariamente pelo Celtismo, escolhido pelo fato de prestar-se a uma diferenciação do povo irlandês em relação ao

inglês, e por certo *glamour* que uma sociedade guerreira temida e admirada por seus contemporâneos da Antiguidade clássica despertava no imaginário dos irlandeses. Refletindo a esse respeito, podemos dizer que, embora tenham sido envidados esforços para uma recuperação de traços de um passado celta, o termo ‘renascimento celta’ não é preciso, pois não se trata de um renascimento, mas de uma construção.

Fazendo referência aos textos do *Celtic Revival*, Kiberd afirma que “na escrita celta, normalmente a expressão precede a conceituação” (KIBERD, 1995:116) para justificar que um estilo nacional para a literatura era o que precisava ser buscado, já que o longo período de colonização apagara a possibilidade de desenvolvimento de uma literatura nacional distintiva. O discurso colonial era propagado pela literatura inglesa, consumida pelos leitores irlandeses e funcionava como um dos mecanismos do colonialismocultural.

A leitura de romances vitorianos ingleses, por exemplo, era uma prática na Irlanda dos séculos XIX e XX, como a escritora irlandesa contemporânea, Edna O’Brien, exemplifica em seu livro *Mother Ireland* (1976), em que ao falar dos hábitos de leitura dos irlandeses a autora cita William Makepeace Thackeray, as irmãs Brontë e Ellen Wood. Os romances ingleses focalizavam na ficção um determinado modo de vida que era imitado na vida real e na visão de Kiberd serviam como “instrumento de civilização do sujeito [colonial]” (KIBERD, 1995: 115). Os comportamentos dos personagens eram tidos como desejáveis para pessoas bem-educadas.

Para Kiberd, W.B. Yeats, por exemplo, representando o ideal de um poeta nacional, “esperava que a partir do seu estilo, um homem [irlandês] por inteiro pudesse finalmente ser inferido, e no tempo devido, a própria nação o seria”. (KIBERD, 1995: 117). A questão do estilo que precede a conceituação de uma literatura nacional pode ser ilustrada aqui pela definição de ‘literatura menor’ segundo Gilles Deleuze e Felix Guattari: trata-se de uma literatura escrita na língua hegemônica [maior] por uma minoria [no sentido de grupo não hegemônico] que se rebela contra os seus opressores:

Uma literatura importante ou estabelecida (i.e. imperial) segue um vetor que parte do conteúdo para a expressão. Uma vez que o conteúdo é apresentado em uma forma já estabelecida, pode-se encontrar ou descobrir, ou ver a forma de expressão que o acompanha. Aquele que [a forma] conceitualiza se expressa bem. Mas uma [literatura] menor, ou revolucionária começa expressando a si mesma e não conceitualiza [o conteúdo] a não ser depois [de expressá-lo]. (DELEUZE E GUATTARI, 1986: 28)

Essa reflexão nos ajuda a entender por que o renascimento cultural na Irlanda apoiou ideologicamente – e mesmo precedeu em muitos anos – a declaração da independência política do país. Nessa perspectiva, temos que os autores do *Celtic Revival* podem ser considerados os primeiros autores nacionais da Irlanda pós-colonização, e que o Celtismo foi utilizado por aqueles autores como um estilo literário que moldou uma identidade nacional celta.

Também se valendo da tradição cultural celta da Irlanda em seu discurso ficcional, Edna O'Brien faz o percurso inverso ao dos autores do *Celtic Revival*: desconstrói o discurso de nação ao deixar entrever em suas obras a construção de um discurso identitário celta como uma projeção dos valores nacionalistas admirados pelos irlandeses e que materializam textualmente uma ideia homogênea de nação. Ressaltamos aqui o que entendemos ser o projeto literário de O'Brien, ao interrogar as narrativas históricas oficiais: articular passado e presente para entender melhor a relação entre eles, ou como ela própria mencionou, “escrever sobre o dilema e o conflito que perpassa o que é óbvio.” (O'BRIEN, 1995 *apud* COLLETTA & O'CONNOR, 2006:148).

Em sua obra, O'Brien dialoga de muitas formas com o legado celta – quer expondo, recriando ou atribuindo novos significados –, a partir das referências aos mitos e lendas que utiliza extensivamente. Percebemos que esse legado sobrevive no imaginário da autora e se revela em suas obras. Em *Mother Ireland* (1976), fica evidenciada a valorização de uma origem mítica do povo irlandês em detrimento da história oficial já no primeiro capítulo, intitulado “*The land itself*”. Nesse capítulo, a autora reproduz a cosmogonia contida no Livro das invasões (*Lebor Gabála Éirenn*), que pertence ao ciclo mitológico irlandês, ao traçar o seu panorama da origem irlandesa – iniciado com Cessaic, neta de Noé, antes do Dilúvio. Segundo O'Brien, “os de seu povo foram os primeiros enterrados aqui, os primeiros de uma longa linhagem de fantasmas irlandeses” (O'BRIEN, 1976:12). Fantasmas que segundo O'Brien justificam o mito da ‘violência atávica’ do irlandês, o que remete a uma suposta identidade celta:

Se você é irlandês, você fala suavemente, e é tido como selvagem, devasso, bêbado, supersticioso, não-confiável, atrasado, bajulador e propenso ao mau temperamento, enquanto você sabe que na verdade uma verdadeira *entourage* de fantasmas reside em você”. (O'BRIEN, 1976: 23).

O'Brien se refere ao estereótipo do bárbaro (selvagem) e justifica a partir de fantasmas do passado, que aqui podemos entender como os próprios celtas, e também como aqueles silenciados quando do encontro entre estrangeiros e nativos, colonizadores e colonizados. Os fantasmas foram silenciados, mas o passado traumático, que deveria permanecer esquecido, retorna através da memória do trauma.

Ainda em *Mother Ireland*, a autora descreve os irlandeses a partir de uma suposta origem celta, utilizando para isso referências comuns àquela sociedade, como o jogo de xadrez, a porção do herói (melhor parte da carne) e os banquetes nos quais os guerreiros sentavam-se no chão com as cabeças de seus inimigos presas ao cinto. O'Brien está claramente parodiando os autores clássicos (gregos e romanos) que descreveram os celtas como um povo bárbaro. O'Brien narra:

As convenções eram ocasiões para festividades. Os reis supremos, os reis menores, seus guarda-costas, os poetas, os advogados, as mulheres e os escravos, todos sentados em seus lugares e vestindo cores apropriadas para eles. [...] Suas peças de xadrez eram capazes de furar o cérebro de um homem e frequentemente o faziam. Os guerreiros sentavam-se com as cabeças de seus inimigos mortos debaixo de seus cintos e as vísceras caíam sobre os seus pés enquanto os soldados comuns punham musgo em suas feridas para que não sangrassem [...] quando o assado era cortado, ao historiador era dado um osso retorcido, ao caçador o ombro do porco, para o bardo e o rei os melhores filés e para o ferreiro a cabeça do animal! (O'BRIEN, 1976: 14)

Podemos observar a ironia e a estratégia de entrecruzamento temporal, para apontar as semelhanças passado/presente de O'Brien, ao incluir de forma anacrônica em seu texto profissões ainda não existentes na época da organização tribal dos reis supremos, como os advogados e os historiadores. Quanto aos últimos, na descrição imaginária do ritual de distribuição do alimento (a porção do herói), Edna Ihes destina apenas um osso retorcido. Ao bardo e ao rei eram oferecidos os melhores filés, segundo Edna, e não a coxa, como descrito nos textos clássicos, por ser o filé um item reconhecido pelo leitor contemporâneo como a parte nobre da carne.

O guerreiro celta, com seu cinto de cabeças de inimigos por ele mortos apresentado aqui com tintas fortes pela escritora, sugere que, através do exagero da representação, ela deseja evidenciar o caráter estereotipado da construção clássica de tais guerreiros. Podemos apontar, ainda, como textos parodiados, os relatos clássicos

que trataram dos celtas históricos como, por exemplo, em *Athenaeus. Deipnosophistae* (compilado no século II):

No vigésimo terceiro livro de suas *Historias*, Possidônio diz que os celtas algumas vezes, durante um banquete, engajam-se em um combate singular. Armados, eles simulam uma luta que acaba por infligir ferimentos uns aos outros, e se não forem detidos pelos expectadores acabam por se matar. Possidônio também diz que em tempos ancestrais, os melhores guerreiros recebiam a porção da coxa em seus banquetes. Se outro homem questionasse o seu direito à melhor porção, um duelo era travado até a morte. (ATHENAEUS, IV).

Ou ainda em Diodoro da Sicília (60-30 A.C.):

Nas batalhas, os celtas utilizavam carroças de duas rodas, puxadas por dois cavalos. Esses carros conduziam o cocheiro e o guerreiro. No momento do combate, o guerreiro saía do carro e desafiava o seu oponente. [...] quando os seus inimigos eram mortos, eles cortavam suas cabeças e fixavam-nas nos pescoços de seus cavalos; voltavam-se então para os seus seguidores e lhes davam as armas dos inimigos, cheias de sangue, cantando uma exaltação sobre eles e uma canção de vitória. (DIODORUS SICULUS, V)

Tanto ao oferecer apenas um osso retorcido aos historiadores quanto ao exagerar na crueldade dos guerreiros, O'Brien coloca sob questionamento os tratados históricos, chamando a atenção para o fato de que os celtas eram vistos como bárbaros pelas civilizações clássicas. O leitor é levado a perceber que o texto parodia relatos de autores romanos e gregos, que foram contemporâneos aos celtas. Para aquelas civilizações, os celtas representavam o *Outro* e, ao julgá-los a partir de seus padrões de sociedade, concluíam tratar-se de povos bárbaros e inferiores.

A estratégia narrativa empregada por O'Brien vem ao encontro do conceito de paródia (moderna) defendido pela teórica canadense Linda Hutcheon, que diz a respeito do texto paródico: “ao fundo encontra-se um outro texto contra o qual a nova criação é implicitamente medida e entendida” (HUTCHEON, 2000: 31), e enfatiza que a paródia moderna dramatiza a diferença entre os textos, principalmente por meio da ironia, que “parece ser o principal mecanismo para ativar a percepção do leitor a respeito dessa dramatização.” (HUTCHEON, 2000: 31) É o que O'Brien faz quando ela insere as profissões do presente, e essa diferença é dramatizada pela ironia e exagero das descrições. Realmente, por conta desses recursos narrativos, o leitor percebe o destaque

que a autora pretende dar ao passado celta e também ao fato de os estrangeiros, julgando-se pertencentes a uma cultura superior, inferiorizarem uma cultura diferente pelo simples fato de não serem capazes de compreendê-la.

Nesse momento, O'Brien sinaliza para o leitor que as narrativas oficiais são uma construção articulada que interpreta a alteridade a partir de juízos de valor hegemônicos. Não só o caráter de construto da história é destacado, como também a repetição do passado no presente, quando os irlandeses, a exemplo dos celtas que os precederam, são tomados e interpretados como o *Outro* que precisa se adequar a maneiras de ser consideradas 'próprias', quer pelos ingleses, desde o século XII quer por outras nações, como, por exemplo, pelos norte-americanos de hoje.

Ainda em relação ao Celtismo, revisto por O'Brien, temos que é um discurso que persiste hoje na Irlanda globalizada, mas de outra forma, não mais como marca distintiva que justifique a identidade nacional distinta da britânica. Trata-se de um poderoso mecanismo que alimenta a indústria do turismo, e já adaptado ao modelo do mercado global, em que 'cultura' é exportada como *commodity* (bastando pensarmos no termo "Celtic Tiger", para descrever o intenso crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico do país no período de 1995 a 2008, e que mistura tradição e economia de uma forma, no mínimo, perturbadora).

Inúmeras publicações tratam de temas celtas, exposições e seções de museus são dedicadas ao tema, os autores do *Celtic Revival* são lidos e comentados, suas obras adaptadas para o cinema e o teatro. Em Dublin e nas pequenas cidades irlandesas há lojas de *souvenirs* que exploram temas celtas, restaurantes especializados, em música e danças celtas e, em toda a república [da Irlanda], as placas são bilíngues (inglês e gaélico), além de proliferarem institutos de línguas onde se pode aprender o gaélico (hoje parte dos currículos escolares), além de publicações bilíngues ou produzidas somente nesse idioma. Diante desse quadro de Celtismo *for export*, a experiência celta não teria peso para a experiência irlandesa contemporânea. Contudo, para muitos escritores irlandeses, como o recentemente falecido poeta Seamus Heaney, por exemplo, a ideia de uma identidade celta – mesmo quando interrogada ou ironizada – permanece como possibilidade interpretativa. Heaney empregou extensivamente símbolos e imagens celtas provenientes da tradição oral gaélica para revisitar a história e trazer à tona outras possibilidades, como por exemplo, a analogia que faz entre os antigos sacrifícios celtas da Idade do Ferro e a violência na Irlanda do Norte:

Você tem uma sociedade na Idade do Ferro onde existiram sangrias rituais. Você tem uma sociedade onde cabeças de garotas eram raspadas porque houve adultério, você tem uma religião centrada no território, em uma deusa do chão e da terra, associados ao sacrifício. Hoje, de muitas formas a fúria do republicanismo irlandês é associada a uma religião como essa, com uma deusa de aparências distintas. Ela aparece como Caithleen ní Houlihan nas peças de Yeats, ela aparece como a mãe-Irlanda. Eu acho que o *ethos* republicano é uma religião feminina, de certa maneira. Parece-me que existem paralelos imaginativos satisfatórios entre essa religião e esse tempo e o nosso próprio tempo. (HEANEY *apud* BROWN, 1976).

A identidade irlandesa é constituída pelo legado de gerações anteriores e como esse legado é interpretado hoje pelos irlandeses. A possibilidade interpretativa destacada por Heaney permanece, bem como entendemos que em momentos de grande mudança socioeconômica, como a contemporânea, em que milhares de estrangeiros vivem e trabalham na Irlanda, cabe-se refletir sobre o que é ser irlandês hoje. Segundo Nash (2006), “a busca pelas origens ancestrais deve ser entendida no contexto do desenvolvimento do nacionalismo cultural e dos desafios políticos do colonialismo”. (NASH, 2006, pp.13) e que “aqueles que insistem [em dizer] que os irlandeses não são celtas estão engajados num processo pós-colonial interno de repensar a História, o pertencimento e a identidade” (idem, pp. 27). Como já vimos, um elemento essencial para que se entenda a maneira pela qual a identidade irlandesa se constitui é a busca pela diferença em relação a outros povos, particularmente aqueles que ameaçam seu sentido coletivo de pertencimento. Na contemporaneidade, portanto, com as novas configurações do país não é de se estranhar que a busca por traços distintivos dos irlandeses em relação aos estrangeiros seja uma questão tão importante para aquela sociedade.

A questão de pertencimento, ou o que é ser irlandês muda radicalmente com a experiência vivida no período em que o país foi considerado um ‘tigre celta’ (1995-2010), onde o crescimento econômico e o avanço tecnológico foi comparável às economias dos chamados ‘tigres asiáticos’ na década de 1970. A sociedade irlandesa se tornou muito globalizada e mercado consumidor atraente para os Estados Unidos. País tradicionalmente de emigração, por suas dificuldades econômicas e políticas, a Irlanda mudou rapidamente seu padrão e passou a atrair imigrantes de dentro e fora da Europa, assim como indivíduos diaspóricos retornaram após décadas vivendo fora da Irlanda. Portanto, a imigração e a globalização, junto à crescente secularização da sociedade traz

efeitos significativos ao nacionalismo fechado, provinciano moldado no final do século XIX e início do XX, que se sustentava a partir de um passado místico e celta.

Os desafios que hoje se impõem para a identidade irlandesa não são, de fato, a questão dos geneticistas buscando as origens de uma ‘raça irlandesa’, mas sim como incorporar milhares de estrangeiros que vivem, trabalham, estudam e constituem família no país. O multiculturalismo e a globalização são parte da realidade irlandesa hoje, e assim como a condição colonial exigiu a invenção de uma Irlanda celta, o momento pós-colonial, globalizado e plural exige da imaginação quais elementos do passado devem ser mantidos e quais outros devem ser incorporados do presente e das futuras gerações que formam a comunidade irlandesa.

### Referências:

- ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1991.
- BROWN, Terence. *Northern Voices: Poets from Ulster*. Toronto: Macmillan of Canada, 1976.
- CELT - Corpus of Electronic Texts. Foundation of Knowledge on Ireland. Disponível em <http://www.ucc.ie/celt/publishd.html> Acesso em 10/12/2009.
- COLLIS, J. *The Celts: Origins, Myths, Inventions*. Stroud: Tempus, 2003.
- CUNLIFFE, B. *The Celts: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Kafka: Toward a minor literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HEALEY, Nicholas. *Controlling Celtic Pasts: the production of nationalism in popular British archaeology of Celtic peoples*. *Nexus: The Canadian Student Journal of Anthropology*, Vol 24, 2016, pp.13-34.
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2000.
- JAMES, Simon. *The Atlantic Celts: ancient people or modern invention?* London: British Museum Press, 1999.
- KIBERD, Declan. *Inventing Ireland: The Literature of the Modern Nation*. London: Jonathon Cape, 1995.
- MURPHY, Maureen & MACKILLOP, James. *Irish Literature: a Reader*. Syracuse, New York: Syracuse University Press, 1987.

NASH, C. Irish Origins, Celtic Origins: Population Genetics, Cultural Politics. *Irish Studies Review* 14, 2006, pp. 11-37.

O'BRIEN, Edna. *Mother Ireland*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1976.

O'CONNOR, Maureen & COLLETTA, Lisa.(eds). *Wild Colonial Girl. Essays on Edna O'Brien*. Madison: University of Wisconsin, 2006.

OPPENHEIMER, S. *The Origins of the British: A Genetic Detective Story of the English, Irish, Scottish, and Welsh*. New York: Carroll & Graf Publishers, 2006.

WHITE, T. *Redefining Ethnically Derived Conceptions of Nationalism: Ireland's Celtic Identity and the Future*. *Studia Celtica Fennica* V, 2008, pp.83-96.